

Poética da ancestralidade: filosofia africana e educação antirracista

LUIS FERREIRA DOS SANTOS*

EDUARDO OLIVEIRA**

Resumo: O artigo tem como proposta a articulação das filosofias africanas e o desenvolvimento de uma educação antirracista mediada pela poética da ancestralidade. A poética da ancestralidade parte da “cosmopercepção” (OYĒWŪMÍ, 1997) africana em diálogo com a educação antirracista, na disputa da ampliação do imaginário. A poética da ancestralidade toma a Filosofia da Ancestralidade (OLIVEIRA, 2007) como “arquipélago” epistemológico na inserção de outros saberes críticos à educação castradora, da monolíngua, do universalismo sem contexto e apagamento do corpo afrodescendente. Trata-se de elaborar uma perspectiva de filosofar que tem como potência de criação o corpo enquanto poética. É um corpo que enfrenta o racismo com “graça, beleza e raça”. O texto entende a poética como possibilidade de o sujeito estar engajado e produzir “arquipélagos de libertação”, sendo a criação poética o móbil de luta contra o racismo. Uma disputa com crítica, alegria e revolta.

Palavras-chave: Poética; Filosofia; Educação.

Poetics of ancestry: african philosophy and anti-racist education

Abstract: The article proposes the articulation of African philosophies and the development of anti-racist education mediated by the poetics of ancestry. The poetics of ancestry starts from the “cosmoperception” (OYĒWŪMÍ, 1997) in Africa in dialogue with anti-racist education, in the dispute for the expansion of the imaginary. The poetics of ancestry takes the Philosophy of Ancestry (OLIVEIRA, 2007) as an epistemological “archipelago” in the insertion of other knowledge critical to castrating education, monolingual, universalism without context and erasure of the Afro-descendant body. It is a matter of elaborating a philosophical perspective that has the body as poetry as its creative power. It is a body that faces racism with “grace, beauty and race”. The text understands poetics as a possibility for the subject to be engaged and to produce “liberation archipelagos”, with poetic creation being the mobile to fight against racism. A dispute with criticism, joy and revolt.

Key words: Poetics; Philosophy; Education.



* **LUÍS CARLOS FERREIRA DOS SANTOS** é Doutor pelo Programa de Pós-graduação Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UFBA); professor substituto DEDU/UEFS.



** **EDUARDO DAVID DE OLIVEIRA** é professor adjunto da FACED-UFBA; professor permanente do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento –Salvador.

Introdução

Este texto busca dialogar com a filosofia da ancestralidade como filosofia africana na relação com um movimento de educação implicada com o enfrentamento ao racismo.

O racismo é um fenômeno subjetivo (sensível), justificado racionalmente. É uma via de mão dupla, um racismo epistêmico que produz sensibilidades distorcidas. Nesse ponto, é salutar uma crítica e uma criação para a superação do racismo. Apenas a crítica não dinamiza outros olhares acerca desse fenômeno. É imprescindível a criação de outros territórios interpretativos na disputa por mundos na educação. Para isto, objetiva-se partir desde a poética da ancestralidade na tessitura da luta da educação antirracista.

Neste aspecto, um dos pontos problematizados pela poética da ancestralidade é a suspensão do que sustenta o modelo do racismo epistêmico na educação. Não é atacar apenas o modelo, mas o que fundamenta. Na busca de tentar responder de que modo a filosofia e a educação, a partir da poética da ancestralidade, entendem a discussão em torno do tremor da educação antirracista, estabelece-se o diálogo desde a Filosofia da Ancestralidade (OLIVEIRA, 2007).

Na **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira, corpo e mito são eleitos como meios de filosofar desde a ancestralidade africana no Brasil. Uma das questões mobilizadoras do livro é descortinar o racismo e a legitimidade da violência inventada por uma tradição que tem como condição fundante a perspectiva

totalizante, a linearidade e a homogeneidade.

A filosofia e a educação são categorias que tecem os argumentos deste texto na lente interpretativa da poética da ancestralidade. O projeto epistemológico comprometido com a manutenção do racismo tem como fundamento uma origem, uma verdade e uma finalidade¹. É um movimento linear e homogêneo, no sentido epistemológico. Este modelo construído na imagem da fixidez da ideia do Ser (homogêneo e imutável), que é sempre igual a si-próprio, não potencializa a diferença, mas a indiferença. A totalidade arbitrária é fundamento da identidade-universal e arbitrária. Segundo Gomes (2017, p. 81): “Mas há um elemento mais violento na branquidade. Ela se refere às históricas relações coloniais e de poder nas quais o branco define a si mesmo e ao outro. E isso invade todas as esferas da vida social”.

A afirmação de Gomes (2017) ajuda a compreender a educação no itinerário da perspectiva de poder colonial, em que a identidade fundamentada pela “branquidade” aniquila a diferença pela sua transparência (GLISSANT, 2011).

O debate problematizado por Gomes (2017) insere-se, entre outras coisas, na identidade. Nesse aspecto, o intuito de disputar no terreno poético-filosófico as ampliações e manutenções das liberdades, de grupos sociais, históricos e culturais, os quais tiveram seus direitos e, conseqüentemente, suas liberdades dilaceradas, é uma “recusa em morrer” (SANTOS, 2019), estabelecendo a filosofia como aquela que possibilita, segundo Oliveira (2007, p. 109), “criar identidades para corpos mutilados:

do pensamento rizoma, uma crítica à noção moderna de raiz.

¹ Os termos *origem*, *verdade* e *finalidade* são aqui compreendidos tal como o filósofo Gilles Deleuze (1992) os concebe, no seu percurso de elaboração

índios, negros, mulheres”. Essa é uma das primeiras questões da justificativa e da importância de outros modelos filosóficos na disputa por mundos na educação.

A poética da ancestralidade alinha a perspectiva de um solo da complexidade, pois é uma experiência de pensamento que está em relação com os saberes artísticos, ativistas e acadêmicos. É pensamento de um tempo que reinventa as identidades. Neste ponto, é possível estabelecer uma relação com Gomes, no livro **O movimento negro educador**. Saberes construídos nas lutas por emancipação:

O pensamento e a pedagogia pós-abissais têm o potencial de derrubar os muros que separam o conhecimento e as experiências sociais, o Movimento Negro e demais movimentos sociais e construir uma reflexão teórica, bem como uma ação política alicerçadas em uma prática político-epistemológica que possibilite a capacidade de comunicação e cumplicidade de modo sustentado entre os movimentos sociais, organizações, as diversas ações coletivas e as experiências políticas de caráter emancipatório, com muitas entradas e saídas e sem perder as identidades (GOMES, 2017, p. 140).

Neste caso, os termos para pensar identidades não seriam mais com a fundamentação epistemológica eurocentrada, mas ancestral africana: ancestralidade como aquela que cria identidades na perspectiva ética, de afirmação para aquele que é negado sistematicamente. A proposta filosófica-educacional assume este lugar, com a crítica às representações arbitrárias, mas, ao mesmo tempo, assume a emergência de recriar identidades para os “corpos mutilados”. É um tempo contemporâneo,

com as explosões arbitrárias, mas com a perversidade política de subjugar o negro, a mulher, as comunidades indígenas, as comunidades quilombolas. É salutar uma potencialidade de filosofar que pise no chão de seu tempo, mas com os problemas de seus espaços. Por isso, uma filosofia que reinvente as identidades, nesse sentido, pensa identidade em termos de ancestralidade. Esse não é um raciocínio contraditório, mas complexo. Os “corpos mutilados” reclamam por uma outra justiça “que ser”.²

Filosofia da ancestralidade

A poética da ancestralidade parte da filosofia da ancestralidade como filosofia africana. “A Filosofia da Ancestralidade está na encruzilhada do pensamento contemporâneo” (OLIVEIRA, 2012, p. 28-29). A dinamicidade da Filosofia da ancestralidade elenca o *lugar* como plano de imanência e escolhe partir desde a cultura africana reinventada no Brasil. É uma filosofia africana-brasileira reinventada a partir do imaginário da “cosmopercepção” (OYĚWUMÍ, 1997) africana. A Filosofia da ancestralidade tem como características da ancestralidade africana “a horizontalidade, as dobras, o baixo corporal e o movimento” (OLIVEIRA, 2007, p. 119). Na contramão da racionalidade moderna ocidental, que segue como modelo epistemológico: “vertical, estático, linear, rígido, teleológico; que privilegia o cognitivo” (OLIVEIRA, 2007, p. 118). O objetivo de crítica a esse modelo epistemológico, político e estético dá-se no fato desse regime de signo ser a fonte da justificativa da violência do racismo cometido contra o corpo afrodescendente/negro.

O corpo biológico e cultural negro/afrodescendente é

² Esta expressão tem aqui o mesmo sentido do “outro modo que ser”, de Emanuel Lévinas.

sistematicamente combatido na “política de morte”³ brasileira. Entretanto, o corpo é a condição para filosofar. O corpo potencializa a poética da ancestralidade, pois “ele é um território e desterritorialização, sendo assim, tem delimitado seus limites, mas transmuta para o encontro de outras demarcações” (SANTOS, 2014, p. 66).

A poética da ancestralidade: filosofia africana e educação antirracista têm no corpo a potência para ação. “Não é o espaço e o tempo a condição de potência para o ato, mas o corpo, no entendimento desta atitude filosofante” (SANTOS 2014, p. 65).

O corpo tem suas marcas cindidas pelas circunstâncias e, no contexto em que está inserido, segundo Oliveira (2007, p. 102), o “corpo é imanência”. Entretanto, paradoxalmente, o corpo também se apresenta como transcendência.

A filosofia é algo que se inventa, mas também que se descobre, e também que se rememora. O corpo é inventado, descoberto e rememorável. Dessa forma, a filosofia é esse acompanhar os processos de descobrimento do corpo. O corpo não se descobre apenas pelo cérebro. Mas também pelas mãos, pela terra, pela água, areia, sol, suor, força, leveza, flexibilidade, velocidade, lentidão etc. O corpo é uma filosofia, mas não está pronto. (OLIVEIRA, 2007, p. 105-106).

O corpo produzido pela ordem filosófica colonialista necessita ser problematizada, pois essa o totalizou. Todavia, o corpo desde a ancestralidade africana é percebido pela perspectiva horizontal, construída a partir de processos criativos. Na relação entre o corpo e a filosofia,

compreendemos que o “corpo é já uma filosofia” (OLIVEIRA, 2007, p. 104).

O corpo, sendo condição do filosofar, na poética da ancestralidade, dá-se em relação com o outro, em uma radicalidade da alteridade social, é uma imersão em si-mesmo, é o corpo como a condução para a linguagem do sagrado e com o meio ambiente. O corpo é alteridade e, por movimentar um paradigma ético-estético, provoca uma dimensão crítica e criativa na construção da educação antirracista.

O corpo é um paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que singulariza, também é estrutura. É como um chão, posto que territorializa a ética e a ontologia e possibilita as condições para uma epistemologia. Ele é o chão da condição para a ética. E não existiria ontologia sem corpo. “O corpo é o ser” (OLIVEIRA, 2007, p. 111). O corpo é esta possibilidade de singularizar e criar estruturas, é o entre-lugar que possibilita, por sua vez, uma condição ética do exercício do filosofar. O corpo, na filosofia da ancestralidade, reclama por uma ética. Ele é a regra do filosofar, posto que é um texto que traveste o movimento da cultura.

Um outro aspecto que lança a discussão ética e política em torno do corpo é a disciplinarização deste. É essa uma das marcas da história da educação. A educação dos corpos não é negada pela filosofia da ancestralidade, muito pelo contrário, “uma educação dos corpos é já um projeto ético, mas pode ser também um processo de dominação” (OLIVEIRA, 2007, p. 107). A defesa da filosofia moderna acerca do corpo tem forte inclinação para o controle desse. E os corpos que tiveram as liberdades reduzidas foram os corpos colonizados,

³ Referência a Achille Mbembe, no livro **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte.

os africanos, os indígenas. A dominação fundamentada em uma construção injusta buscou criar identidades mutiladas para africanos, latino-americanos, crianças e mulheres. Portanto, é imprescindível a provocação de pensar a filosofia da educação antirracista desde o corpo. O corpo pode vir a ser uma das chaves da “dessacralização dos pressupostos civilizacionais da violência colonial [...]” (MUDIMBE, 2013, p. 70).

A poética da ancestralidade, ao não abrir mão do corpo, na sua construção filosófica-educacional, mira uma lente interpretativa de dessacralização e desnaturalização dos fundamentos da violência colonial e da neocolonialidade.

O debate em torno de uma perspectiva filosófica de dinâmica africana tem como sentido o fortalecimento da construção de identidades afrodescendentes. A educação comprometida com o fortalecimento do racismo contra o negro tem na identidade seu fundamento. No entanto, é no jogo de sedução da construção e desconstruções das identidades que se dá, também, a educação antirracista. Não se deve abandonar o debate em torno das identidades, por mais que os cínicos gritem que sim.

A discussão em torno da identidade na filosofia da ancestralidade entende a identidade/ancestralidade desde o simulacro. O simulacro na Filosofia da Ancestralidade tem a intenção de não reduzir a alteridade a conceitos e nem recair na lógica dos esquemas. A imagem que movimenta o simulacro é de Exu. É aquele que mobiliza e dinamiza a cultura, pelo fato de ser simulacro e não a cópia, dele interiorizar a dessemelhança como máxima. Segundo Oliveira:

Exu é o princípio de individuação que está em tudo e a tudo empresta identidade. É, concomitante, o mesmo que dissolve o construído;

aquele que quebra a regra para manter a regra; aquele que transita pelas margens para dar corpo ao que estrutura o centro; é aquele que inova a tradição para assegurá-la. Exu é assim o princípio dinâmico da cosmovisão africana presente na cultura yoruba. Dessa maneira, ele mantém um equilíbrio dinâmico baseado no desequilíbrio das estruturas desse mesmo sistema filosófico-ético. Exu, aquele que viola todos os códigos é o mantenedor, por excelência, do código. É assim, que o paradigma Exu se expressa na forma de uma filosofia do paradoxo (OLIVEIRA, 2007, p. 130).

A imagem apresentada pelo simulacro problematiza a ideia de um sentido estático para a existência, visto que o outro não é mais compreendido apenas através de conceitos, mas através das experiências.

O movimento linear e homogêneo fixa um único modelo. O sentido de simulacro ultrapassa o modelo. A perspectiva do simulacro como a imagem construtora de identidade interessa ao entendimento da poética da ancestralidade, pois o simulacro Exu – é aquele que unifica e fragmenta. A filosofia do simulacro, em contraposição à representação, como a filosofia do paradoxo, é uma filosofia contingente que explode em diversidade.

A construção do simulacro, como entendimento da filosofia do paradoxo, a partir da ideia do “Paradigma Exu”, traz a preocupação de não cair na armadilha do modelo, do paradigma. O chiste utilizado pelo “Paradigma Exu” é exatamente esta ambiguidade: entre a representação (o modelo) e Exu (o simulacro). Essa filosofia do paradoxo é uma totalidade aberta, um pensamento em relação com a alteridade. E tem, na sua tessitura, a estrutura e a metodologia ancoradas na ancestralidade africana.

O Paradigma Exu é mobilizador da liberdade, ao implodir modelos: é o compromisso com a liberdade. E, neste território da liberdade, encontra um dos pontos comuns com o pensamento negro e a filosofia africana. Severino Elias Ngoenha (2004) defende que os discursos filosóficos negro-africanos apresentam como ponto comum, desde o seu território, a busca por liberdade. O que ele chama de “paradigma liberdade” (NGOENHA, 2004). Tanto o pensamento negro da diáspora quanto a filosofia africana recuperam esta univocidade: a liberdade. De acordo com Ngoenha (2004, p. 64): “A nível de África, não se foge muito a esta regra. Os primeiros intelectuais africanos são militantes pelas causas da liberdade dos próprios povos, e por conseguinte, contrários aos poderes estabelecidos [...]”.

O discurso hegemônico em torno da filosofia construiu racionalmente um discurso despersonalizado, sem corpo, sem linguagem, sem território, sem justiça, sem liberdade do outro (africano e latino-americano). E a ancestralidade africana foi reduzida ao não ser do debate filosófico. Portanto, a filosofia da ancestralidade como filosofia africana problematiza esta perceptiva da representação do universal da filosofia colonialista.

A mentalidade da colonialidade filosófica necessita ser desconstruída. Os filósofos e filósofas africanas e latino-americanas deslocaram o campo de investigação filosófico centrado na imposição das identidades europeias. A crítica à colonialidade enfatiza a diversidade como uma condição do pensamento, trazendo a problemática do particular e geral com contornos contemporâneos, com o estatuto ontológico da diversidade. Segundo Chukwudi Eze:

[...] de fato a partir dos anos mais antigos do platonismo na filosofia

ocidental, para nossos contemporâneos da tradição pós-colonial, o problema da relação entre a perspectiva da escola universal e a necessidade imediata do debate particular social, político e histórico, é um tema constante. (CHUKWUDI EZE, 2008, p. 4).

A desconstrução e afirmação da multiplicidade dos territórios filosofantes é uma das características necessárias da poética da ancestralidade. O tempo contemporâneo, ao ser lançado na esfera da complexidade, coloca-se como desafio na perspectiva filosófica à diversidade cultural como uma das urgências da construção do pensamento. É um pensamento produzido em alianças, em redes, na relação com o conhecimento artístico, ativista e acadêmico. A poética da ancestralidade é um campo de saber que fecunda a vida e mobiliza potências criativas. É um modo de pensamento que problematiza a colonialidade persistente no imaginário da educação. A insurgência desse imaginário redutor da diversidade é possível com as alianças de saberes. A partir de um conhecimento interdisciplinar que, em sua produção, é relacional. E, desse modo, potencializa uma produção de conhecimento em rede.

A arte, a educação, a filosofia e os saberes do movimento negro educador traduzem-se por meio da poética. A ancestralidade, a filosofia e a educação antirracista são campos que se relacionam pela poética da terra. A “filosofia da terra” (OLIVEIRA, 2007) tem como máxima a construção da singularidade. Ela dá-se dentro de uma forma cultural. Cada perspectiva constrói sua argumentação dentro de uma forma cultural. A terra tem o sentido na filosofia da ancestralidade de uma filosofia que surge do solo. “Este solo, no entanto, não é simplesmente um território geográfico. Ele se configura como uma unidade cultural de ancestralidade” (OLIVEIRA, 2007, p. 283).

A poética da ancestralidade: filosofia africana e da educação antirracista tem o corpo, o simulacro-exu e a terra como solo de construção. A poética da ancestralidade pode vir a ser entendida como uma categoria feita da terra. Ela pode ser entendida como trajetória, pois traz tremor dos territórios de lutas por liberdade dos povos ameríndios e africanos.

Filosofia da educação antirracista

A filosofia da educação antirracista busca educar para a superação do racismo, ela busca potencializar a beleza, na contramão do desencantamento da violência racial. A poética é mobilizadora do sentido. Uma poética que procura educar sensibilidades. E um sujeito com a sensibilidade educada é potencialmente mobilizado a se engajar por lutas de libertação. É educado a se revoltar. Um dos objetivos da poética da ancestralidade é mobilizar revoltas. Em diálogo com Albert Camus (2017) e Severino Ngoenha (2017), compreende-se que a revolta segue na contramão da destruição, segundo Santos:

Ela constrói, segue no horizonte da pulsão de vida, contra a pulsão de morte. A revolta está conectada com o acontecimento, com o hoje. A revolta é mobilizada por uma utopia. Aquilo que está na disputa do tempo, no acontecimento (SANTOS, 2019, p. 175).

A revolta cumpre um papel na poética da ancestralidade de ser potência de imaginação. A produção de imaginação política, desde uma filosofia da educação antirracista, passa, necessariamente, pela poética. A filosofia, como se entende nesta perspectiva de trabalho, é uma poética. O enfrentamento do racismo, a partir da poética da ancestralidade, passa pelo entendimento de que a poética é atravessada por linguagem que

compreende a “totalidade da *différences*” (GLISSANT, 2009, p. 83).

A poética da ancestralidade está em diálogo com o “todo mundo”, mas habitada por suas paisagens, pois assim ela cria uma ação de ser contrária à educação castradora, da monolíngua, e tem a diferença como um imperativo. A alteridade efetiva é uma categoria de muita força na poética da ancestralidade, uma vez que é efetiva, porque não é qualquer outro. É o outro que teve seus corpos e imaginários mutilados. A alteridade efetiva que retira a tentação de criar uma regra geral, seja desde os projetos políticos arbitrários ou relativismos (cínicos), mas constrói os projetos desde a singularização dos discursos coletivos, a partir dos corpos singularizados, dos atores e atrizes dos “arquipélagos de libertação” (SANTOS, 2019). A poética da ancestralidade aposta nos corpos singularizados, mas partindo de discursos coletivos e pertencentes a estruturas de perspectivas de agendas políticas coletivas.

A irrupção do outro é uma característica presente na poética da ancestralidade. A afirmação de si, em diálogo com o outro, no saber-fazer da construção de espaços de libertação. Não é o projeto individualista em que defende a perspectiva de que a liberdade de um começa quando termina a do outro. É a alteridade radical e efetiva de produção de identificação, não mais de identidade (arbitrária). É um redemoinho de identificações e não de identidade absoluta. O debate da diferença, na poética da ancestralidade, não é a harmonização da diferença, mas está imerso na radicalidade dos conflitos que a diferença traz consigo.

A filosofia da educação antirracista enfrenta o racismo com e pela beleza. A poética é a possibilidade de o sujeito estar maravilhado e ter rotas de fugas para lutar

contra as injustiças. A criação poética é o móbil de luta contra a opressão.

O sujeito, ao ter sua revolta educada, é um caminho para uma educação antirracista como possibilidade de interpretação de si e de engajamento político-social. O fato de ser revoltado leva para uma ação. E esta é uma das condições de criar e interpretar realidades.

Interpretar o outro é trazer esse para a teia de minha sensibilidade, e este é o papel fundamental da educação: construir condições de interpretação do outro como outro em sua radicalidade. A educação para interpretação não é somente de um projeto político no campo da educação, mas uma condição ética. É uma interpretação de atitudes. A articulação entre poética da ancestralidade e filosofia, tendo a educação como campo de atuação, é esta potencialidade de mobilizar atitudes antirracistas.

Os corpos, combatidos em sua poética pela colonialidade, têm potência ancestral para se engajar na interpretação de outras realidades. A revolta é condição para a ação. Mas uma revolta educada pela poética ancestral. Neste aspecto, a poética da ancestralidade tomada pela revolta tem o compromisso de filosofar no sentido de criar imaginação política para as identidades dos corpos e imaginários mutilados.

Os corpos mutilados para sobreviverem necessitam “construir mundos”. E, ao se lançar a poetizar o mundo, busca criticar e superar o semiocídio cultural (SODRÉ, 1988) e o epistemicídio (CARNEIRO, 2005). E engaja-se numa filosofia da educação que tem a “graça” (educar as sensibilidades), a “sabedoria” (conhecimento coletivo) e a “raça”

(política)⁴, no intuito de potencializar uma educação antirracista.

Uma poética da ancestralidade, partindo da filosofia africana em direção à educação antirracista, a partir das chaves de leitura desde o corpo, a terra e o simulacro-exu, produz um conhecimento desde a encruzilhada da estética (graça), da epistemologia (sabedoria) e da política (raça). É uma filosofia da educação em movimento.

O entendimento de uma filosofia da educação antirracista, neste caso em diálogo com a poética da ancestralidade, tem como característica a diferença, e Exu é o símbolo que se movimenta, produzindo sentidos desde uma perspectiva da “polissemia, polidialogia e policromia” (OLIVEIRA, 2007, p. 143). A ancestralidade, enquanto conceito explicativo na educação brasileira, como uma filosofia, é um dos trabalhos que desloca uma perspectiva de “totalidade fechada” para o entendimento de encruzilhada.

A poética da ancestralidade parte de uma perspectiva de filosofia descolonizada, pois, como filosofia africana, é pensada desde seu território, no modo de pensar da encruzilhada. Sobre um pensamento descolonizado, afirma Flor do Nascimento:

Uma filosofia descolonizada estaria comprometida em pensar não apenas o local, mas desde o local, pensando estratégias que, atentas ao modo eurocêntrico de produzir conhecimento e filosofia, e teriam as filosofias produzidas na Europa e nos EUA como apenas algumas entre outras formas de produzir a filosofia, o que ampliaria o aspecto da discussão sobre modos de produção

⁴ Discussão realizada por Oliveira (2007) no livro **Filosofia da ancestralidade: corpo mito e**

educação brasileira, no capítulo Pedagogia do Baobá.

filosófica (FLOR DO NASCIMENTO, 2012, p. 7).

Nesse sentido, a filosofia, com compromisso em fortalecer uma educação antirracista, problematiza-se desde as suas paisagens e territórios. A filosofia que estiver sendo realizada, apenas por “grego, estando morto ou sendo gênio”⁵ no território brasileiro, não ampliará o imaginário de libertação.

A poética da ancestralidade: filosofia africana e educação antirracista é pensada através do repertório simbólico e cultural africano no Brasil, ela tem como desafio combater a epistemologia do racismo. E a tarefa não é apenas a de criar conceitos, esse não seria o caráter definitivo e provisório do filosofar. Para além da construção de conceitos, que é uma das funções da filosofia, é imprescindível a potencialização de criação de mundos. “Sou daqueles que acreditam em sonhos, não para fugir da realidade. Pelo contrário! Sonho para criar realidades!” (OLIVEIRA, 2007, p. 109).

A filosofia da ancestralidade defende a criação de mundos, de sonhos, visto que filosofar é transformar, esta é uma das máximas da poética da ancestralidade. A criação de mundos é um ato político libertador. Não se situa apenas no ponto de criar conceitos, mas tem como atitude criar mundos. Por isso, o referencial da poética da ancestralidade é criativo.

Apenas criar conceitos para a superação da educação antirracista não é o suficiente. Para além da construção de conceitos, que é próprio da filosofia, é imprescindível a potencialização de criar. Pois “sonhar e criar mundos é um ato político fundante do filosofar” (OLIVEIRA, 2007, p. 110).

Conclusão

A poética da ancestralidade tem uma proposta estética que eduque para a mobilização de uma pensar-fazer que não aniquile a complexidade entre a política e a ética; e a educação e a cultura. São movimentos integrados que se complementam. E a educação da sensibilidade é imprescindível que se dê por sujeitos integrados na comunidade. Um outro aspecto é o corpo, esse é fonte de discussão da filosofia da ancestralidade, assim como o simulacro-exu e a terra. Esses elementos contribuem para mobilizar a poética da ancestralidade por uma filosofia da educação antirracista comprometida em mobilizar uma estética, epistemologia e política no enfrentamento ao racismo. A finalidade da poética da ancestralidade é combater os fundamentos e modelos racistas que persistem na educação brasileira.

O racismo alinha uma política, uma ética e constrói um corpo justificado e legitimado para sofrer a violência do racismo. O movimento de educar a sensibilidade tem como destino educar a sensibilidade para o combate do racismo. A educação pautada em ecoar o racismo tem na estetização sua potência crucial. O racismo tem como finalidade o não reconhecimento do outro como humano. Os corpos retirados da “totalidade-mundo” não são apenas negados, mas combatidos. O racismo atua na banalidade das vidas dos corpos negros. O racismo é um fenômeno subjetivo (sensível), justificado racionalmente. É uma armadilha: um racismo epistêmico que produz sensibilidades distorcidas. Nesse ponto, é salutar uma crítica e uma criação para a superação do racismo. Apenas a crítica não dinamiza outros olhares acerca desse fenômeno. É imprescindível a

⁵ Alusão ao livro *De como fazer filosofia sem ser Grego, Estar Morto ou Ser Gênio*, de Armijos Gonçalo Palácios.

criação de outras paisagens na filosofia e na educação brasileira.

A criatividade problematiza a espacialidade unicultural na abordagem filosófica. A poética da ancestralidade mobiliza a criação como resposta ao sentido fixador da totalidade arbitrária do racismo. Neste aspecto, o diverso das paisagens na produção da filosofia é um dos primeiros caminhos para a crítica ao racismo epistêmico, pois potencializa outras formas culturais na construção de sentidos. Ao mobilizar outras vozes e paisagens na filosofia, movimenta um mundo diverso, que tem como destino a crítica às práticas homogêneas, hierárquicas e unitárias do pensamento racista.

A poética da ancestralidade: filosofia africana e educação antirracista produz um ritual de inversão, atua na educação através do repertório simbólico e cultural africano no Brasil. Nesse sentido, movimenta outros repertórios culturais na educação brasileira, traduzindo uma multiplicidade de imagem para disputar narrativas desde o solo brasileiro. E a finalidade desse jogo de inversão é enfrentar e combater a epistemologia do racismo, que atua na tentativa de aniquilar a força poética do corpo de cada negro, de cada negra, por isso que cada corpo deve ser mobilizado pela e para a beleza, na qual cada existência é uma poesia. Entretanto, o corpo negro é controlado pela violência do racismo na produção discursiva e pela prática educacional brasileira. “Trata-se da negação do corpo negro como corpo livre, que age, move, contesta, vibra, goza, sonha, reage, resiste e luta. No limite, é a produção do corpo negro como não existência” (GOMES, 2017, p. 79).

A poética do corpo negro se contrapõe à monocultura da colonialidade do saber do pensamento racista. Nesse aspecto, a poética da ancestralidade movimenta o

pensamento de que a estetização da vida é um dos modos de enfrentamento do grotesco agenciado pelo racismo. Como afirma Gomes (2017, p. 81): “O racismo não só transforma a branquitude como característica moral a ser atingida, mas também no padrão estético a ser almejado”. Por isso, a poética da ancestralidade busca educar as sensibilidades da itinerância vivida para as relações comunitárias. A ação é uma atitude, mas uma atitude mobilizada pela sabedoria.

Educar para as sensibilidades, neste contexto, tem o sentido de combater o racismo. A educação antirracista parte da sabedoria do “movimento negro educador” de partir da “ecologia do corpo e do gosto estético que vai dar lugar à expressão ‘beleza negra’, construída no seio dos movimentos políticos em prol da igualdade dos direitos entre negros e brancos [...]” (GOMES, 2017, p. 83). Educar o Brasil para uma educação antirracista é defender a perspectiva de o corpo negro como ser de beleza, essa é uma atitude ética e política.

É educar na itinerância de Exu, visto que ele é a ética do universo africano (yorubá). A abordagem acerca do racismo tem a estética, como já sinalizada, com desdobramento ético. Pois a violência contra os corpos afrodescendentes requer uma resposta ética. A perspectiva da poética da ancestralidade busca problematizar o racismo, a partir do paradigma ético-estético, visto que o racismo atua na esfera da sensibilidade para justificar e legitimar a violência.

A poética da ancestralidade, ao ser relacionada desde a sabedoria, mobiliza uma abordagem que explode com os fundamentos do racismo, pois pretende problematizá-lo de maneira não linear, e olhando os vários lados da questão. A sabedoria, na perspectiva da poética da ancestralidade, coloca em crise o senso

comum. Exu é um grande sábio e, por isso, rompe com o senso comum. O senso comum trata as questões apenas com uma perspectiva, um único plano totaliza o sentido. E, por ver as questões a partir de um único plano, torna-se parcial. Por ver apenas um lado das coisas, não é habitado pelo arco-íris que é o fundamento do mundo.

O racismo castra o diverso, aniquila a criação. Por isso que, na luta de uma educação antirracista, a poética da ancestralidade segue na trajetória de “Aprender na vida também como poesia” (MACHADO, 2013, p. 56), pois é fundamental na luta contra o racismo que a dimensão de filosofar-se é “[...] preparar-se para viver o cotidiano na sua complexidade criadora gestando novas sensibilidades e sentidos” (MACHADO, 2013, p. 56). A criação é uma das maneiras de atualizar outras formas de existência.

Referência

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. **Outras vozes no ensino de filosofia**: O pensamento africano e afro-brasileiro. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18:maio-out/2012, p.74-89.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Portugal: Porto Editora, 2011.

_____. **Philosophie de la Relation**: poésie en étendue. Paris: Éditions Gallimard, 2009.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Ensaio sobre a Exterioridade. Portugal: Edições 70, 2017.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MUDIMBE, V. Y. **A Ideia de África**. Portugal: Edições Pedagogo, 2013.

NGOENHA, Severino Elias. **Os Tempos da Filosofia**. Filosofia e Democracia Moçambicana. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da Ancestralidade**: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira. Curitiba: Editora gráfica Popular, 2007.

_____. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana**:

Educação e cultura afro-brasileira. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 18:maio-out/2012, p.28-47.

OYĚWŪMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento e revisão de Aline Matos da Rocha. Título original: The invention of women: Making an African Sense of Western Gender Discourses Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

SANTOS, Luís Carlos Ferreira dos. **O poder de matar e a recusa em morrer**: filopoética afrodiaspórica como arquipélago de libertação / Luís Carlos Ferreira dos Santos. - 2019. 236 f.: il. Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

_____. (2014) **Justiça como Ancestralidade**: em torno de uma filosofia da educação no Brasil. 2014. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1988.

Recebido em 2020-05-30
Publicado em 2020-11-13